

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Relato de Experiência
GRUPO DE PESQUISA: **Pesquisa na Graduação**

ESPELHO QUEBRADO. CADÊ O DESEJO?

Reflexões sobre estilhaçamentos especulares da imagem jornalística

Maria Luiza Cardinale Baptista¹
malu@pazza.com.br

Palavras-chave: espelho, desejo, jornalismo.

O presente relato apresenta reflexões sobre o estilhaçamento especular do sujeito jornalista, na contemporaneidade. Trata-se de análise que vem sendo realizada, junto a jovens adultos, a partir de referencial transdisciplinar, envolvendo a Esquizoanálise, para a noção de sujeito contemporâneo, em sua complexidade caosmótica desejante; a Psicanálise, principalmente com Jacques Lacan, para a fundamentação da dimensão especular; as chamadas Teorias da Imagem e do Jornalismo. Desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, a pesquisa tem como título: Imagem, Sujeito e Mídia, constituindo-se como projeto do Amorcom! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Amorosidade e Autopoiese. Propõe-se a discutir a constituição da imagem dos sujeitos da comunicação, por si mesmos, suas expressões, e sua relação com a 'trama midiática', com os múltiplos meios de comunicação, portanto, os múltiplos espelhos coletivos midiáticos contemporâneos.

Parte da constatação de travas no desejo dos jovens adultos, no que diz respeito às práticas jornalísticas, e da relação entre essas eventuais travas e o que se está chamando de 'estilhaçamento especular', ou seja, entende-se que **existe uma crise na imagem do jornalista, tanto de si para si mesmo, quanto para a**

¹ Jornalista pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre e Dra pela Universidade de São Paulo; professora e pesquisadora do Curso de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul; coordenadora do Amorcom! Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Amorosidade e Autopoiese; diretora da Pazza Comunicazione.

sociedade, e que essa crise interfere na qualidade das produções, porque interfere diretamente no agenciamento do desejo. Afinal: quem é o jornalista? Quem é esse si mesmo que se propõe como jornalista? Qual o valor do profissional do jornalismo para a sociedade? A questão do não reconhecimento do diploma tem sido algo ainda mais grave, porque, a além de todas as consequências diretas, imediatas, tem repercussões complexas e profundas, como a do 'espelho quebrado', com a 'imagem de si' abalada. Cristaliza uma desvalorização social. O jornalista, então, sobrevive a um mercado perverso, cujos dispositivos reiteram, constantemente, a desvalorização, a menos valia, acionando, assim, as travas do desejo, o que compromete, seriamente, a qualidade da produção contemporânea da área. Pela dimensão subjetiva inerente à pesquisa, este relato segue personalizado.

O jornalismo é uma profissão apaixonante! Há muito tempo penso assim, desde a escolha da profissão, no então chamado primeiro colegial, mas, tive essa percepção, em especial, depois da minha primeira entrevista a ser publicada, com a cantora Mercedes Sosa². Saí da entrevista com a certeza de que tinha escolhido bem. "É isso que quero ser a vida inteira: jornalista!", eu pensava, enquanto caminhava, aos prantos, sobre o viaduto da Borges [de Medeiros], em Porto Alegre, de volta pra casa, depois de sair do hotel Embaixador, onde Mercedes estava hospedada. O encontro também reforçou, em mim, o sentimento de latinidade, de orgulho e comprometimento com o trabalho de uma produção social que correspondesse às necessidades da América Latina. Consciência política, consciência de que o jornalismo é uma prática cujas implicações políticas, econômicas e sociais lhe conferem uma importância, que o faz um 'bem público', um bem das pessoas.

O reconhecimento do jornalismo desta forma e o modo como fui entendendo as peculiaridades do ofício potencializaram o desejo da produção, de envolvimento, cada vez maior, com as práticas profissionais. Aos poucos, fui compreendendo que 'ser jornalista não é pra qualquer um'. Trata-se de um ofício profissional de primeira linha, que põe em jogo a vida e a morte, que pode contribuir ou prejudicar. Eu costumo dizer: 'jornalismo é bem de primeira necessidade'. Nesse sentido, vale a fala de Gabriel Garcia Marquez (2012):

² Entrevista foi publicada em 1982, no Jornal O Guaiepeca, publicado pelo DCE da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A batalha pela entrevista, as dificuldades, o risco, a obstinação necessária para conseguir; o encontro com 'La Negra', a emoção da iniciação na carreira, a certeza da escolha são aspectos descritos em outro texto, disponível no meu blog: MARGARIDAS BRANCAS. Disponível em: http://malucardinalbaptista.blogspot.com/2011_01_01_archive.html.

Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade. Quem não sofreu essa servidão que se alimenta dos imprevistos da vida, não pode imaginá-la. Quem não viveu a palpitação sobrenatural da notícia, o orgasmo do furo, a demolição moral do fracasso, não pode sequer conceber o que são. Ninguém que não tenha nascido para isso e esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão tão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, como se fora para sempre, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte.

Ocorre, no entanto, que este 'bem' tem sido bombardeado fortemente, em um processo histórico que, primeiro, fragmentou o processo de produção, foi esterilizando as práticas de redação, desvalorizando a profissão, de várias maneiras, não só pelo achatamento dos salários. A imagem idealizada foi, então, se desmontando no confronto com a realidade – como eu costumo chamar: 'real demais'. Quer dizer, a potência do gozo, o prazer de 'investig-ar' foi sendo castrado por um cotidiano massacrante. Cotidiano atravessado pela força dos agenciamentos do Capitalismo Mundial Integrado, fluxos intensos e invisíveis, que vão amarrando o sujeito, forçando a trava do desejo.³

Nas redações, muitas vezes ocupando cargos de chefia, fui acompanhando a crescente desmobilização do desejo dos jovens adultos. Começou a me preocupar o aumento do que eu chamo – lembrando Paulo Freire – de 'jornalismo bancário', ou seja, tendência de burocratização da prática, de esterilização de pulsão desejante. Fazer por fazer. Fazer pra terminar. Terminar as cinco, seis pautas diárias. Acabar as pautas desestimulantes, feitas em meio às preocupações cotidianas com a família, com o sustento, com as dívidas, com a falta de dinheiro ou a preocupação sobre quando vai ser a próxima rodada de demissões.

Paradoxalmente, as redações foram se informatizando, se sofisticando em termos maquínicos. Novos processos de produção, impostos por modelos de práticas que envolvem, cada vez mais, a máquina e cada vez menos o humano. Este, por sua vez, pelas pressões cotidianas, é 'convidado' diariamente a ser menos humano nas suas produções. Sem tempo para assimilar e realizar seu trabalho, esse jornalista se debate internamente e 'faz pra acabar' a pauta. Muitas vezes, faz isso, pra sair correndo para o outro emprego, para a outra redação, onde ele começa tudo de novo.

Espelho, espelho meu. A questão da especularidade, da característica de espelho e sua relação com a Comunicação é uma das principais trilhas teóricas que tenho percorrido (BAPTISTA, 1996). Ela tem me ajudado a compreender aspectos

³ Pensamento que tem como substrato teórico Félix Guattari (1992), Félix Guattari e Suely Rolnik (1986).

dos processos comunicacionais e das tramas de relações entre os sujeitos envolvidos. A Imagem nesse jogo relacional, a que me refiro, não é só o composto de características visuais, mas um complexo 'platô'⁴ de significação que, na sua trama constitutiva, consolida um sentido. A imagem do Outro e a Imagem de si. A combinação de reflexos que têm dupla direção; mais que isso, tem múltipla direção. Não canso de repetir que o sujeito só existe em relação ao Outro e o Outro é tudo o que é não eu. Isto significa, antes de tudo, que não teorizo sobre o indivíduo, uma pessoa, em si, isolada do mundo, mas de sobre sujeitos complexos, em produção, em ação, com base na perspectiva esquizoanalítica, de Félix Guattari (1981; 1987; 1990; 1992), Gilles Deleuze (1995-1997) e Suely Rolnik (1986).

Interessa-me, também, a dimensão desejante, que mobiliza o sujeito para as ações, as mais diversas, no caso aqui, em especial, as práticas jornalísticas. Então, diante de situações que expressam certo desencanto, com relação à profissão, questiono: onde está o desejo que estava aqui [no Jornalismo]? Analiso, portanto, a tensão existente entre a imagem do jornalista, com ênfase para a autoimagem, em função da complexidade especular – portanto, lógico, na sua constituição de relação a partir do Outro – e da produção do desejo, em relação à profissão. E isso está diretamente relacionado aos investimentos desejantes dos jornalistas nas suas práticas cotidianas.

O trabalho surge do contraste entre a imagem do jornalismo que eu tinha e a que venho verificando, ao longo dos últimos anos, nos jovens repórteres, sejam eles estudantes ou profissionais iniciantes. Chama-me atenção o paradoxo, decorrente do fato de que aprendi a ser jornalista com o traço da obstinação. Jornalista daquele jeito que põe a respiração a serviço da informação, o corpo na busca de dados, o cérebro a pensar narrativas e estratégias de captação de mais e mais informação. Aprendi a lidar com a tentativa constante de vencer o tempo e o desafio existencial de vencer a mim mesma, para produzir... jornalismo. Entendi, nas vivências tantas, a importância da atribuição 'social' ao ofício jornalístico e tudo isso foi compondo uma trama de elementos que, misturados todos, me ensinaram o que é ser uma profissional da área. O sentido da vida do jornalista: produzir diariamente narrativas informacionais, a partir de dados resultantes do encontro vivo e respeitoso com a realidade e os outros tantos sujeitos da matéria, as 'fontes' nas quais bebemos o doce

⁴ O termo está sendo usado, aqui, como "zona de intensidade contínua", sentido atribuído por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995, p.8).

(ou amargo) líquido informacional, para produzir a essência da substância informativa, para ir tecendo a narrativa cotidiana do presente (MEDINA, 2003). Nesse sentido, o texto jornalístico transmidiático é uma 'obra produzida por sujeitos para outros sujeitos', que deve surgir do agenciamento pleno do desejo de 'entregar-se'. Pulsão do desejo plenamente acionada⁵. Aqui vale um esclarecimento. Eu encontro desejo nos jornalistas iniciantes - estudantes ou repórteres em início de carreira. Encontro, sim, muito desejo, assim como encontrava nos repórteres que chefei, na Central do Interior do Correio do Povo, ou com os quais convivi, como editora, do jornal O Vale Paraibano, em São José dos Campos ou em outros tantos espaços de prática jornalística. A questão é que esse desejo, em potência, vive se deparando com Equipamentos Coletivos de Subjetivação, que se mostram como espécies de 'pedreiras', como eu chamo, obstáculos a sua realização.

Espelho e desejo, dois lados de uma complexa trava que pode ser acionada no sujeito jornalista. Quando isso acontece, essa trava faz com que o jornalista se perca em si mesmo e, sem foco, fique sem direcionamento lógico, que dê vazão aos fluxos desejantes e às intensidades emocionais, que teimam em se calar. Falta projeto, falta projeção de um devir jornalista que pode viver prazerosamente a profissão, que consegue obter prazer, reconhecimento e retorno em relação aos seus investimentos de todos os tipos, tempo, dinheiro, afetos etc. Guattari (in GUATTARI; ROLNIK, 1986) diz que o capitalismo mundial integrado é sofisticado a tal ponto que prescinde das ditaduras, porque elas já se instalaram dentro do sujeito, como dispositivos de agenciamento de subjetivação capitalística maquínica. Este é um dos pontos: o sujeito jornalista. Depois, desejo e espelho, para, por fim, refletir sobre os estilhaçamentos na subjetividade desejante do jornalista.

Desafio de existência para os sujeitos, cujos egos, mais que nunca, têm que se constituir no efêmero. Sujeitos-esquizo, exigidos de todos os lados, demandados e atravessados por múltiplos vetores e que se debatem para construir o 'si mesmo', sua singularidade, no movimento, na instabilidade caótica, traço típico do contemporâneo. No caso do Jornalismo, a fragilidade da imagem de si e o esmaecimento do desejo, em relação à profissão, às práticas profissionais, inspiram cuidados, eu diria. Merecem reflexão teórica e investimento em práticas de pesquisa, para amadurecer a compreensão dos múltiplos fatores intervenientes.

⁵ A fundamentação teórica, aqui, é da Psicanálise e da Esquizoanálise, quando esta rompe com a ideia de desejo pela 'falta' e defende o acionamento da potência do devir desejante. (LACAN, 1988; 1990; GUATTARI, 1981; 1988; 1987; 1990; 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Comunicação, Amorosidade e Autopoiese. Disponível em: <http://www.pazza.com.br/pazza/artigos.htm>.

_____. **Comunicação. Trama de Desejos e Espelhos**. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 1995-1997. 5 v.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1981.

_____. **Caosmose**. Um Novo Paradigma Ético-Estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Linguagem, consciência e sociedade. In: LANCETTI, Antonio. **SaúdeLoucura**, número 2. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Revolução molecular**. Pulsações Políticas do Desejo. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LACAN, Jacques. **Escritos**. 16.ed. México/Madrid/Bogotá: Siglo Veintiuno, 1990.

_____. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **Outros escritos**. [S.N.]: JZE, 2003.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/MTQOMzQ5/>. Acesso em: 15 fev.2012.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente, a narrativa e o cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.